

## 6

### O uso do Orkut por pessoas enlutadas

Saudade é solidão acompanhada, é quando o amor ainda não foi embora, mas o amado já...

Pablo Neruda

Como mencionei no capítulo anterior, para os efeitos da presente pesquisa, precisei primeiramente selecionar perfis de pessoas falecidas no Orkut. Somente depois disso, pude passar à seleção das pessoas que seriam entrevistadas. Por esta razão, antes de expor os principais resultados obtidos a partir da análise das entrevistas, apresentarei brevemente os entrevistados e os falecidos nos perfis dos quais eles deixam ou deixavam mensagens.

#### 6.1.

##### Apresentando falecidos e entrevistados

Selecionei 13 perfis nos quais identifiquei mensagens escritas mais de um ano após a morte de seu titular. Nove destes perfis pertenciam a rapazes e quatro deles eram de moças. Todos eles eram adolescentes ou adultos jovens quando morreram: nove pessoas morreram com idades entre 12 e 20 anos, e quatro com idades entre 21 e 28 anos. A causa da morte da grande maioria – 10 dos falecidos – foram acidentes de trânsito. De todos os falecimentos, seis ocorreram há um período que varia entre 1 e 2 anos, enquanto sete outras mortes se deram de 2 a 4 anos atrás.

Entre os entrevistados, havia oito que eram do sexo feminino e sete do sexo masculino. A equivalência entre gêneros foi casual, já que, como disse antes, não selecionei participantes de acordo com esta característica. Da mesma maneira, casualmente o tipo de relação que havia com o morto também se equiparou: sete dos entrevistados eram amigos dos falecidos, enquanto oito eram seus parentes. Entre os parentes, havia quatro mães, um pai, uma avó e dois primos. As idades

dos participantes variaram entre 15 e 70 anos, sendo que oito deles tinham entre 15 e 25 anos, enquanto sete outros tinham mais de 40 anos.

Apresentarei a seguir mais detalhes sobre os falecidos e sobre os entrevistados, apontando o tipo de relação que eles tinham.

### **6.1.1.**

#### **Mais detalhes sobre os falecidos e os entrevistados**

Reiterando o que foi dito no capítulo anterior, foram modificados tanto os nomes (ou apelidos) dos falecidos como os dos entrevistados, para não expor a identidade deles. Apresentarei os falecidos e os entrevistados mencionando sempre um falecido e, em seguida, a(s) pessoa(s) que deixa(m) mensagens em seu perfil, intercalando, portanto, falecidos e entrevistados.

Rafael tinha 21 anos quando faleceu vítima de acidente de carro, há 4 anos e 10 meses, em Santa Catarina. Sua mãe, Leila, de 49 anos, tem dois outros filhos, porém diz que Rafael era o mais próximo dela. Entrevistamos Leila, que escreve no perfil de Rafael com regularidade até os dias de hoje.

Julia e Kate eram amigas e tinham 15 anos quando faleceram no mesmo acidente de carro, há 4 anos e meio, na Grande São Paulo. Neste acidente faleceu ainda uma outra amiga das duas. Olga, de 70 anos, era avó de Julia. Ela morava em outra cidade, mas era muito próxima da neta, já tendo inclusive morado com ela no passado. Luiz, de 19 anos, conhecia as três meninas que faleceram e era muito amigo da Kate, com quem chegou a “ficar” por um mês. Olga e Luiz escrevem nos perfis de Julia e Kate, respectivamente, e ambos foram entrevistados.

Os irmãos Graça – Pedro, Tiago e Rodrigo – tinham 15, 14 e 12 anos quando faleceram, há 3 anos e 5 meses, em um trágico acidente de carro em uma estrada do estado de São Paulo. Este acidente matou também a mãe dos três rapazes e dois outros irmãos deles por parte de mãe. Marcelo, que tem 44 anos, é o pai de Pedro, Tiago e Rodrigo. Ele era separado da mãe de seus filhos havia anos, não morando com eles. Carmem, de 51 anos é mãe de um amigo de Pedro, e considerava os irmãos Graça como filhos, já que eles passavam férias em sua casa. Milton, que tem 18 anos, e Paulo, que tem 17, eram amigos de Pedro. Os

dois o conheceram na escola e tinham com ele uma relação muito próxima. Marcelo escreve nos perfis dos três filhos, assim como Carmem. Já Milton e Paulo escrevem apenas no perfil de Pedro. Entrevistei Marcelo, Carmem, Milton e Paulo.

Bia tinha 19 anos quando faleceu, em Curitiba, há 3 anos, em um acidente de trânsito no qual morreu também o rapaz que estava com ela. Seu primo Marcos, que tem 17 anos, mora em outra cidade do estado do Paraná. Os dois sempre viveram em cidades diferentes, mas se sentiam próximos por se comunicarem muito via Internet. Marcos escreve no perfil de Bia, e por isso o entrevistei.

Bruninho faleceu quando tinha 20 anos, há 2 anos. Ele vivia no Rio de Janeiro, onde sofreu um acidente de carro em que morreu também um amigo. Márcio, de 23 anos, era amigo de ambos os rapazes, porém mais próximo de Bruninho. Entrevistei Márcio, que escreve no perfil de Bruninho.

Bruna tinha 16 anos ao falecer, há 1 ano e 8 meses, em Curitiba, vítima do câncer contra o qual lutava havia anos. Sua mãe, Juliana, de 40 anos, descreve a relação que tinha com a filha dizendo que elas eram “mais do que amigas”, pois não havia segredos entre elas. Carlinhos, de 19 anos, era muito amigo de Bruna, embora nunca a tenha conhecido pessoalmente. Carlinhos chegou até a moça através do Orkut de uma amiga que também tinha câncer e fazia tratamento com Bruna. Mobilizado com o sofrimento de Bruna, ele entrou em contato com ela, e os dois se tornaram amigos. Carlinhos e Bruna conversavam bastante via Internet, e amizade que os dois tinham é muito valorizada pela mãe da menina. Entrevistei tanto Juliana como Carlinhos, que escrevem no perfil de Bruna.

César tinha 19 anos e vivia em uma cidade em Santa Catarina, quando sofreu um acidente ao tentar consertar uma caixa d’água em casa, há 1 ano e três meses. Beeh, que tem 16 anos, era sua amiga mas, segundo ela, gostava dele “de outro jeito”, pois eles planejavam “ficar”. Beeh, que escreve no perfil de César, foi uma das entrevistadas.

Miguel era dependente químico desde os 15 anos. Aos 18, teve um surto psicótico e ficou internado em um hospital psiquiátrico. Desde então, apresentou sintomas de esquizofrenia e fugiu de casa diversas vezes. Em uma destas ocasiões, sua família recebeu a notícia que ele havia sido baleado na cabeça, estando internado em um hospital, onde veio a falecer, aos 25 anos, há 1 ano e três meses.

Sua mãe, Lucia, tem 47 anos e refere-se à relação que tinha com o filho como “instável”, por causa dos transtornos que Miguel tinha. Entrevistei Lucia, que escreve no perfil de Miguel.

Artur tinha 22 anos e vivia no Paraná, em uma cidade distante de onde seus parentes viviam. Há 1 ano e 2 meses, quando ia visitá-los, sofreu um acidente e faleceu. Sua mãe, Marta, tem 46 anos. Apesar da distância geográfica, ela diz que era muito próxima do filho, com quem conversava muito pela Internet. Marta, que entrevistei, escreve no perfil de Artur.

Felipe tinha 28 anos quando faleceu vítima de acidente de moto em uma estrada no Paraná, há 1 ano e 1 mês. Sua prima Michele tem 17 anos e o considerava um irmão, pois conviveu muitos anos com ele. Entrevistei Michele, que escreve no perfil de Felipe.

Apresentados os falecidos e os entrevistados, passemos agora aos principais resultados que encontrei.

## **6.2. Os resultados da análise**

Como disse no capítulo anterior, busquei meus entrevistados em perfis de pessoas que haviam falecido há pelo menos 1 ano. Ao fazer a análise dos dados que coletei, percebi que, ao longo do tempo decorrido entre a morte e a data da entrevista, a frequência com que os entrevistados visitam esses perfis e escrevem recados havia se modificado de maneira considerável. Nos primeiros meses após o falecimento, os entrevistados visitavam o perfil do(a) falecido(a) e escreviam recados rotineiramente. Carlinhos, por exemplo, diz que entrava todos os dias no perfil de Bruna e escrevia até 6 *scraps* por dia para ela. Carmem acessava o perfil de cada um dos irmãos Graça todos os dias. Conforme o tempo passava, Carlinhos, Carmem e quase todos os demais entrevistados dizem que passaram a fazer menos visitas ao perfil e a escrever menos mensagens.

Percebi ainda que as mudanças de frequência que ocorrem ao longo do tempo são acompanhadas por outras relativas à maneira como os entrevistados se sentem e percebem o perfil do(a) falecido(a). Por esta razão, decidi dividir a análise em três partes. A primeira versará especificamente sobre o que chamei de “Primeiros tempos após a morte”. Nela, mostrarei o que os entrevistados

pensavam sobre visitar e escrever no perfil do morto no período imediatamente posterior ao falecimento. Optei por definir esses “primeiros tempos” de maneira imprecisa, sem estipular uma duração específica para esse período, porque percebi que as ideias e os sentimentos se transformam, porém o tempo que isso leva para acontecer varia bastante. Algumas pessoas, por exemplo, dizem que modificaram a frequência com que entravam e escreviam no perfil dos falecidos nos primeiros meses após a morte. Outras, por sua vez, passaram a escrever menos após o primeiro aniversário de morte. Percebi que, em geral, a mudança leva mais tempo para acontecer entre as pessoas que tinham mais proximidade com o(a) falecido(a), como, por exemplo, as mães, a avó e o pai que foram entrevistados. Alguns destes dizem entrar no perfil do(a) falecido(a) com a mesma frequência até hoje, mesmo que mais de 2 anos já tenham se passado após o falecimento.

Na segunda parte deste capítulo, que chamei de “O passar do tempo traz mudanças”, compararei a maneira como os entrevistados percebiam os perfis dos falecidos e as mensagens que eles próprios escreviam em um primeiro momento com o que pensam hoje em dia. Finalmente, na terceira parte, que chamei de “Como os participantes vêem seu uso do Orkut ao longo do luto”, revelarei algumas das inconsistências que surgiram no discurso dos entrevistados sobre seu uso do Orkut ao longo do processo de luto.

Ao longo de toda a exposição, preservarei os discursos dos participantes tais como eles foram escritos por eles próprios nas entrevistas. Mantereí, portanto, suas eventuais abreviações, bem como erros de ortografia e concordância. Caso haja elementos ininteligíveis nas falas dos entrevistados, farei os esclarecimentos necessários à compreensão do leitor.

## **6.2.1. Primeiros tempos após a morte**

### **6.2.1.1. O perfil do falecido**

Como já mencionei anteriormente, esta pesquisa teve como objetivo principal responder à pergunta: “por que pessoas em luto enviam mensagens a perfis de pessoas mortas, no Orkut?”. Para compreender as razões que levavam

enlutados a escreverem mensagens a parentes ou amigos falecidos, percebi ser essencial entender, antes, o que representavam os perfis dos falecidos para estas pessoas. Por este motivo, iniciarei expondo como os entrevistados encaravam estes perfis nos primeiros tempos após o falecimento.

#### **6.2.1.1.1.**

#### **O perfil era uma forma de ver a pessoa viva, saudável e feliz**

Comecei a entender como os entrevistados percebiam os perfis dos mortos quando perguntei o porquê de eles os terem acessado após o falecimento. Ao explicar suas razões, a maioria dos participantes, que fez isso ainda na semana da morte, evidenciou que visitar os perfis dos falecidos era uma forma de ter a sensação de que seus titulares estavam *vivos*. Isso foi o que Juliana sentiu ao ver o perfil da filha Bruna pela primeira vez:

“[O perfil] era uma forma de manter ela viva acho... de alguma maneira”.

Para Leila, mãe de Rafael, ver o perfil do filho pela primeira vez foi uma tentativa de sentir que a morte não tinha acontecido realmente:

“[Entrei no perfil] pra ver ele mais um pouco (...) queria ver que td [tudo] era mentira e ele ainda estaria vivo / vendo aquele sorriso dele”.

Uma das razões para os entrevistados terem tido a sensação de que seus entes queridos estavam vivos parece estar associada ao fato de que, nos perfis, há muitas fotos em que estes aparecem bem, sorridentes, em momentos felizes. Era essa a impressão que Olga, avó de Julia, tinha ao ver as fotos da neta:

“[Ver o perfil] era senti-la ‘FORTE’ ‘ESPECIAL’ ‘DIFERENTE’ [Por que a sentia assim?] Porque ela nao aparece triste em nenhuma foto”.

Para Lucia, ver o perfil do filho assim que ele faleceu parece ter sido ainda mais impactante, pois trazia não apenas a impressão de que ele estava vivo, mas de que estava bem de saúde. Miguel era dependente químico e esquizofrênico. A imagem dele no Orkut, no entanto, não remetia às dificuldades que o rapaz tinha, mas aos momentos alegres que ele viveu:

“[Ver o perfil era] doloroso / mas ao mesmo tempo trazia o Miguel de volta / saudável / vivo”.

#### 6.2.1.1.2.

#### O perfil era visto como uma “parte do falecido” que “sobreviveu”

No período seguinte à morte, visitar os perfis no Orkut foi uma maneira que os entrevistados encontraram para ver os falecidos *vivos, saudáveis e felizes*. Acontece, no entanto, que visitar seus perfis não era o único meio que eles tinham para vê-los desta forma. Muitos dos participantes têm fotos – digitais ou impressas – dos falecidos e, nestas fotos, eles também estão sorridentes e parecem alegres. Caso quisessem somente rever seus entes queridos, bastaria que olhassem essas fotos. Ao recorrerem ao Orkut, os entrevistados pareciam, portanto, ter também outros motivos. É o que Olga demonstra ao explicar o que a fez entrar no perfil de sua neta logo após o falecimento:

“[Entrei no perfil] porque achei que o Orkut havia sido montado por ela. / e havia ali um pouquinho dela....”.

Lucia mostra pensar como Olga ao enxergar o perfil do filho como parte dele:

“[O perfil] era algo dele / uma pequena parte dele”.

Marcelo, pai dos irmãos Graça, tem ideias análogas às de Olga e Lucia. Ao refletir sobre suas motivações para entrar no perfil de seus filhos, ele diz:

“hummm na verdade a vantagem do orkut (ou de qq rede de relacionamentos nesse sentido) é pq foi uma coisa[coisa] criada por eles / é como se fosse uma herança [herança] / durante a vida ELES mexeram lá, postaram fotos, vídeos, comentários pessoais, trocaram mensagens com amigos”.

Olga, Lucia e Marcelo parecem traduzir o que acontecia também com os demais participantes. Eles recorriam ao Orkut para ter contato com perfis construídos pelos próprios falecidos. Os perfis têm, por isso, a “cara” dos falecidos, com as fotos que eles/elas inseriram, as mensagens que escreveram e as comunidades que escolheram para fazer parte. Essas características faziam com que os perfis fossem percebidos como uma “parte” dos falecidos que parecia ter

“sobrevivido”. Eram, portanto, muito diferentes de simples retratos. Diferentemente do que os entrevistados sentiam ao verem fotos, visitar os perfis proporcionava a sensação de proximidade com os falecidos. É o que revela Lucia:

“no orkut me sinto mais perto dele / é como se ele estivesse lá...em algum lugar...aqui”.

Para Marcelo, o Orkut era usado por ser “*uma ferramenta mais próxima*”, que o fazia se sentir mais perto de seus filhos, mortos em um único trágico acidente.

Esta sensação de proximidade era buscada nos primeiros tempos após a morte e só era conseguida através do Orkut. Olhar uma foto não bastava, assim como rituais tradicionais, como missas ou idas ao cemitério, também não eram suficientes para os entrevistados se sentirem perto dos falecidos. Marta e Lucia expressam com clareza a diferença entre o que sentem ao ir ao cemitério e ao visitar o Orkut de seus filhos. Sobre ir ao cemitério, Marta, mãe de Artur, diz:

“nao é um lugar onde gosto de ir / acho que ele nao esta la (...) / como fico revoltada e triste / nao sinto ele muito proximo de min / la”.

Lucia, mãe de Miguel, mostra ter uma impressão bastante análoga sobre o cemitério:

“cemitério é algo que não gosto de visitar / nem antes, nem agora / por que lá ele não estava / lá estava só oque representa dor / sofrimento / tristeza / é o fim que fica lá / e fim é nada. / e o Miguel não é ‘nada’ / então ele está longe de lá”.

As falas de Lucia, Marta e Marcelo parecem representar o pensamento da maioria dos entrevistados: o cemitério não lhes transmitia uma ideia de proximidade com os mortos, enquanto que no Orkut essa proximidade era sentida. Os mortos “não estavam” no cemitério, onde havia apenas a morte, mas “estavam” em seus perfis no Orkut. Nos perfis, os entrevistados sentiam haver um pouco da vida daqueles que se foram, já que são uma construção deles próprios. Entrar no perfil era como estar um pouco com o(a) falecido(a). Não entrar, conseqüentemente, seria como se distanciar, como expressa Marta, mãe de Artur, ao explicar que visita no perfil do filho todos os dias até hoje:

“parece que se eu nao olhar [o perfil] não vou ver ele naquele dia”.

### 6.2.1.1.3.

#### Descrença x realidade da morte ao visitar o perfil

A sensação de proximidade com o(a) falecido(a), que muitos tinham ao visitar o perfil dele no período seguinte à morte, gerava a impressão de que o falecimento não tinha realmente acontecido. Luiz fala da sensação de descrença que experimentou quando entrou pela primeira vez no perfil de sua amiga Kate:

“era muito estranho / parece que tudo tinha sido um sonho”.

Michele também falou sobre sua sensação inicial de descrença ao ver perfil de seu primo Felipe:

“aaain doeeu de maais [demais] neh [né]/ mas na qela hra [naquela hora] pra mim q nao era ele q tinha morrido / q era um engaano / q tinham ligado errado [avisando a morte] / passado trote”.

Embora, para alguns, acessar o perfil gerasse descrença, para outros, pelo contrário, visitar o perfil do(a) falecido(a) trazia à tona a realidade da morte. Isso acontecia com alguns participantes que, ao verem as fotos da pessoa viva e as mensagens que lhes eram enviadas, eram impactados pela lembrança de que ela estava morta e não responderia mais. Esta lembrança causava dor e sofrimento, como diz Leila, ao relatar como reagiu ao entrar no perfil de seu filho Rafael:

“chorava mto [muito], e dizia q era mentira”.

Para Marcos, ver o perfil da prima Bia também tornava a morte mais real em seu pensamento:

“[entrar no Orkut de Bia era] complicado pq ai pensamento de ‘puuts ela morreu meu’ batia na cabeça”.

Para Marta, o perfil de seu filho trazia sensação de proximidade, porém a falta de resposta dele fazia com que ela se desse conta da realidade da perda. O impacto que sentia diante desta realidade era de tal ordem que ela preferiu ficar meses sem acessar o Orkut. Marta explica:

“parece que eu ia conversar com ele (...) fiquei tempo sem usar o computador / pois como falava o dia todo com ele /dai fiquei [fiquei] sem usar o msn e o orkut / pois

eu tinha e a esperança de ele entrar / dai eu ligava ele nao entrava tinha vontade de quev brar [quebrar] tudo”.

Para Leila, visitar o perfil do filho também tornava a morte mais real, o que despertava um sofrimento intenso. Esse sofrimento fez com que sua família a “proibisse” de usar o Orkut durante meses, por seu marido e seus filhos acreditarem que usar o *site* para ver o perfil de Rafael estava lhe fazendo mal.

Assim como Leila, Marcos e Marta, muitos outros entrevistados ressaltaram que visitar os perfis dos falecidos trazia a realidade da morte à tona, e que esta realidade gerava intensa dor. Mas, diante de tanto sofrimento, por que razão estas pessoas continuaram entrando nestes perfis e deixando mensagens neles? Vejamos.

#### **6.2.1.1.4.**

#### **Ver os perfis trazia sofrimento, mas também conforto**

Apesar do sofrimento que tinham ao ver os perfis dos falecidos logo após a morte, nenhum dos entrevistados deixou de visitá-los. Leila, por exemplo, mesmo durante a “proibição” da família, confessa que entrava algumas vezes no perfil de Rafael, pois se sentia bem vendo as fotos dele. Ela e outros entrevistados revelam que, ao mesmo tempo em que causava dor, visitar o Orkut de seus entes queridos trazia um tipo de conforto. Essa ambivalência de sentimentos é bem expressa por Carmem. Ao revelar o que sentia ao ver os perfis dos três irmãos Graça, ela mostra, em uma mesma frase, que tinha emoções aparentemente contraditórias:

“eu chorava muito / me sentia bem quando eu os via”.

Um dos motivos que os entrevistados apontaram para a sensação de conforto, ainda que houvesse dor, é revelado por Beeh, ao explicar como foi ver as fotos que havia no perfil de seu amigo César:

“fasia [fazia] eu lembra[r] dele das coisa boas dele”.

Lembrar das coisas boas era, portanto, uma razão para que ela quisesse voltar ao perfil do amigo. No entanto, quando perguntamos se ela se sentia bem vendo estas fotos, ela revela ter os sentimentos contraditórios experimentados também por outros entrevistados:

“mais ou menos por um lado eu sentia um poquinho dele mas por outro lado lembrava k [que] ele tinha morrido”.

Vemos, então, que, se, por um lado, o sofrimento decorria da percepção de que a morte havia acontecido realmente, por outro, os participantes da pesquisa sentiam-se confortados pelas boas lembranças que os perfis despertavam e pela sensação de estarem perto dos falecidos.

Outra fonte importante de consolo revelada pelos participantes eram as mensagens que foram escritas nos perfis após o falecimento. Os parentes contam que se sentiam bem ao lerem essas mensagens por perceberem, através delas, o quanto os falecidos eram queridos. O fato de todos os familiares mais próximos (mães, pai e avó) referirem-se a isto mostra que estes recados eram muito importantes para eles. Olga, ao falar sobre o que sentiu ao ver as mensagens escritas para a neta, diz:

“Eu percebi que ela realmente era boa amiga”.

Leila, ao ler os recados deixados no perfil do filho Rafael, diz ter percebido

“que ele tinha mtos amigos que gostava dele / e ainda gostam (...)”. [O que sentiu ao ler isso?]: “[foi] mto bom / pois sei q ele sempre foi bem amado”.

Marcelo, pai dos irmãos Graça, refere-se textualmente à sensação de conforto que a leitura das mensagens enviadas aos filhos lhe proporcionou:

“sempre conforta saber o quanto de amigos eles tinham... o quanto eram queridos”.

No caso de Marta, a sensação de conforto chegou a demovê-la da ideia, que teve assim que seu filho Artur morreu, de tirar o perfil do rapaz do Orkut. Ela poderia fazer isto, já que tem sua senha, porém acabou mudando de ideia, conforme explica:

“achei que [excluir o perfil] seria um descanso pra ele / pensei que se ficasse ali todo mundo mexendo não seria bom / mas com o tempo / vi que amigos dele / amigos da gente diz que entram pra matar a saudade (...)”.

Ao ler estas mensagens sentiu-se confortada e decidiu manter o perfil do filho:

“ler sobre ele é muito bom / senti realmente que ele era a pessoa que eu acreditava ser”.

Se os familiares sentiram-se confortados ao perceberem que seus parentes eram muito queridos, para alguns dos amigos dos falecidos o conforto era sentido por outra razão. Ao lerem os recados deixados nos perfis, eles percebiam que havia outras pessoas que sentiam o mesmo que eles, e experimentavam conforto por saberem disso. É o que Carlinhos, que diz já ter lido todos os recados deixados no perfil da amiga Bruna, fala quando explica por que gosta de ler esses recados:

“eu leio pra saber se as pessas[peçoas] q as escrevem sente[m] ou sentiram tanto quanto eu”.

Márcio parece ter tido os mesmos motivos de Carlinhos para ler as mensagens que eram escritas no perfil de Bruninho. Mesmo se mostrando confuso, ele revela:

“nao sei explicar! Acho que e [é] para ver o que as pessoas sentem e acham disso tudo”.

Percebi, então, que o conforto que os participantes experimentavam quando olhavam os perfis dos falecidos era maior do que o sofrimento que os perfis geravam. Esta parece ser uma importante razão para que eles voltassem a acessar o Orkut com esse fim. Outro motivo para que continuassem fazendo isso é que os perfis faziam os entrevistados se sentirem mais próximos daqueles que tinham partido. Ao contrário do que acontecia quando iam ao cemitério, no Orkut a sensação era a de que os falecidos “estavam ali”. Isso porque os perfis são algo que foi feito pelos próprios falecidos, sendo percebidos como uma parte deles que sobreviveu. Esta era uma importante razão para que os entrevistados dirigissem mensagens a esses perfis nos primeiros tempos após a morte. Vejamos.

### **6.2.1.2. Por que escreviam nos perfis?**

#### **6.2.1.2.1. Escrever dava a sensação de continuar tendo acesso aos falecidos**

Por serem os perfis percebidos como “um pouco dos falecidos” ou uma “herança” deixada por eles, muitos dos entrevistados afirmam que deixar recados era uma forma de terem a sensação de que continuavam tendo acesso a eles. Luiz,

por exemplo, explica por que deixou uma mensagem para a amiga Kate logo após o falecimento desta:

“ah, sei lá / apenas quis, era o unico meio de falar com ela / era como se ela tivesse lendo / sei lá”.

Milton também escreveu mensagem para Pedro, logo depois do falecimento do amigo, por ver no recado a única maneira de se comunicar com ele:

“escrever lá era a unica forma q eu tinha para sei láh converssar com ele sabe...”.

Se a morte torna a comunicação impossível, escrever no perfil do Orkut parece transmitir a impressão de subverter essa impossibilidade. Esta impressão é bem expressa por Lucia, ao descrever como foi escrever a primeira mensagem para o filho após o falecimento:

“[Escrever foi] doloroso, difícil, chorei muito / Mas ao mesmo tempo era como se ele fosse receber o recado / como se ele ainda estivesse lá em algum lugar / é como se ele não estivesse morto / ou como se por essa via, mesmo ele estando em ‘outro’ lugar, estivessemos nos comunicando (...) me senti ligada a ele”.

Marcelo também sentia como se estivesse “falando” com seus três filhos ao lhes dirigir mensagens, como ele revela:

“eu soluçava de tanto chorar na hora de deixar mensagens no orkut pq simplesmente parecia que eu estava falando diretamente com cada um deles”.

Embora soubessem, racionalmente, que seus entes queridos estavam mortos, escrever estas mensagens dava aos entrevistados a sensação de usarem um recurso de comunicação com os falecidos. Algumas mães revelam que eventualmente buscavam também outros recursos, como “conversar” com as fotos de seus filhos mortos. Elas dizem, todavia, que, quando faziam isso, tinham uma sensação diferente daquela que tinham quando escreviam no Orkut. Sobre isso, Lucia, que até hoje, 1 ano e 3 meses depois da morte do filho, ainda deixa mensagens no perfil dele, explica a diferença:

“a foto é estática / no orkut não vejo assim / há possibilidade de comunicação / pelo menos imaginária / não sei bem (...) é diferente ver ele aqui ou ver nas fotos que eu tenho no meu orkut ou na minha casa / diferente por que aqui acho que dá para ter a fantasia de que ele ainda está”.

Ao comparar escrever no Orkut com “conversar” com as fotos do filho, Marta também percebe diferenças entre ambos:

“a internet era o nosso meio de comicação[comunicação] / do dia a dia / nos viamos na ueb[web] / conversamvamos[conversávamos] o dia todo / era diferente / acho que daí a necessidade de tbe [também] usar a net”.

Vemos que há, então, um outro motivo, além do fato de os perfis serem sentidos como uma “parte” dos falecidos, para que os entrevistados lhes escrevessem mensagens. O fato de o Orkut ser um recurso que permite a comunicação entre as pessoas fez com que, nos primeiros tempos após a morte, os participantes tivessem a sensação de que essa comunicação continuava sendo possível. Através do Orkut, os entrevistados tinham a impressão de estarem mais próximos de seus entes queridos e de poderem se comunicar com eles. Essas possibilidades não eram percebidas em recursos “tradicionais” (como ir ao cemitério e ver fotos).

#### **6.2.1.2.2.** **Escrever era uma forma de “desabafo”**

A sensação de estarem próximos dos falecidos e de poderem se comunicar com eles era sem dúvida uma importante razão para que os entrevistados dirigissem mensagens aos perfis de seus entes queridos. Este, no entanto, não era o único motivo que tinham para fazerem isso. Em seu discurso, Juliana esclarece este outro motivo:

“Era uma forma de dizer q sentia sua falta / de que a amava muito (...) Era bom e ao mesmo tempo dificil / chora[va] muito / ao ler e ao escrever tb (...) [Por que era bom?] bom q achava q era uma forma de me expressar... / de dizer o q estava sentindo”.

Escrever no Orkut foi, então, um modo que Juliana encontrou para se expressar. Marcos escrevia mensagens para sua prima Bia com o mesmo fim. Ele expressa o sentimento que tinha ao deixar recados através de uma interessante metáfora:

“meio q descongestionava os sentimentos”.

Paulo usa um termo semelhante para explicar por que escrevia mensagens para seu amigo Pedro:

“Eu nunca fui de ficar falando o que eu sinto nem de ficar expondo o que eu penso e tal, só que chega uma hora em que o que tava entalado na garganta precisa sair”.

Marcelo revela que escrever era uma forma de se sentir confortado:

“[Escrevia] numa tradição de auto-piedade típica de católicos rsrs [risos] a gente quer expor o sentimento e talvez ser afagado (...) de certa forma me confortava (eu acho) em saber que as pessoas leriam as mensagens”.

Os participantes mostram, então, que escrever mensagens era uma forma de “desabafo”, proporcionando um alívio momentâneo para o sofrimento. A sensação de estar “entalado” ou “congestionado” e a consequente necessidade de “desabafar” escrevendo recados no Orkut parecem estar relacionadas ao fato de a maioria dos participantes não conversar com ninguém, ou conversar em raras ocasiões, sobre a experiência de perda. Poucos entrevistados dizem que falam com amigos ou familiares sobre os sentimentos que experimentam em decorrência da perda. Alguns deles dizem que evitam o assunto por considerarem que ele traz tristeza às outras pessoas. Olga, por exemplo, embora diga conversar com amigas de sua faixa etária (e que também têm netos) sobre Julia, prefere não fazer isso, por pensar que o tema gera tristeza nestas amigas. Ela diz:

“Eu não procuro falar / Porque as avós ficam muito tristes”.

Michele evita conversar com os familiares sobre o falecimento de seu primo Felipe, por considerar que o assunto os deixa tristes:

“Com os parentes sem condicao de fala[r] / eles ficam muito maal”.

Outros entrevistados procuram não falar sobre o morto e os sentimentos gerados pela perda, pois eles próprios ficam tristes. Por esta razão Lucia só conversa sobre o assunto com seu terapeuta. Beeh também evita falar sobre César. Ela explica:

“é pior fica[r] falando dele sempre me dexa triste”.

Marcos também revela que raramente conversa com alguém sobre a morte de sua prima Bia. Ao longo dos três anos passados após a morte, ele diz que conversar foi um recurso que usou apenas “em último caso”:

“Não gosto mto de converssa[conversar] sobre meus sentimentos / só qdo [quando] precisava mesmo”.

Vemos, portanto, que os participantes evitavam tocar no assunto do falecimento com seus conhecidos, seja por medo de deixá-los tristes, por não quererem, eles próprios, ficar tristes ou por não gostar de conversar sobre sentimentos. Escrever *scraps* era, então, uma forma de fazer algo que os entrevistados deixavam de fazer de outras maneiras. Márcio explicita que, ao deixar mensagens, se sentia como se estivesse conversando sobre a dor que experimentava com pessoas que compreenderiam seu sentimento:

“Acho legal / elas [as outras pessoas] saberem o que eu sinto (...) e como se eu fosse poder desabafar com outras pessoa[s] que estão passando a mesma situação que eu”.

### **6.2.1.2.3. O “desabafo” em datas especiais**

Antes de realizar a pesquisa, eu havia observado que, em datas consideradas especiais, os perfis dos falecidos costumam receber mais mensagens do que em dias comuns. Assim como tantas outras pessoas, os entrevistados também escreveram nestas datas. Eles revelam que o dia em que os falecidos completariam mais um ano de vida, a data da morte e o Natal são ocasiões quando costumam fazer questão de deixar mensagens em seus perfis.

Marcelo, por exemplo, diz que, por pelo menos um ano após a morte dos filhos, escrevia sempre no perfil de cada um deles na data em que o falecimento completava mais um mês, nos seus aniversários e no Natal. Olga, por sua vez, falou que escrevia sempre no dia 05 de cada mês, dia em que Julia havia falecido. Leila até hoje faz questão de escrever no perfil de seu filho em ocasiões que considera especiais, como o dia do falecimento, Páscoa, Natal e aniversário. A razão para Marcelo, Olga, Leila e quase todos os outros entrevistados fazerem questão de escrever nestas datas é revelada por Marta:

“Sabe [em] todas as datas especiais[especiais] é muito difícil / acho que sempre escrevi em datas de mês sem ele / qdo fez um ano / mas no fundo / dtas [datas] são datas / é difícil todo dia”.

A fala de Marta explicita o que parece se passar também com os demais entrevistados. Se todos os dias sem a pessoa falecida são difíceis, as datas especiais parecem intensificar a dor. É como se o sentimento de todos os dias “transbordasse” nestas ocasiões. Marta fala, com suas palavras, sobre essa sensação de “transbordamento”:

“[Nas datas especiais] a dor no peito é maior / sabe tem dias que apreço que vai explodir / daí preciso desabafar / falar dele falar com ele”.

Escrever nestas datas seria, então, uma maneira de dar vazão a este sentimento que não “escoa” de outras maneiras. O “desabafo”, nas datas especiais, parece, portanto, ser algo necessário.

#### **6.2.1.2.4. A data de aniversário do falecido**

Entre as datas especiais, a que mais chamou minha atenção antes da realização das entrevistas foi o dia em que os falecidos completariam mais um ano de vida. Isso aconteceu porque observei que, nesta data, são numerosas as mensagens de pessoas que felicitam os mortos por seu aniversário. Na pesquisa, os participantes revelam que também deixaram recados deste tipo no dia do aniversário dos falecidos, especialmente no primeiro que passou após a morte. Embora quase todos tenham deixado uma mensagem nesta ocasião, a maioria parece nunca ter pensado nas razões para escrever nesta data. Ao serem indagados sobre os motivos para deixarem mensagens no dia do aniversário de uma pessoa que está morta, muitos se mostram confusos e têm dificuldades em produzir uma resposta. A resposta desconcertada de Carlinhos parece representar bem a surpresa dos entrevistados quando solicitados a pensar no assunto:

“[escrevia] pra sie lah. [sei lá] / boa pergunta / nao sei responder”.

Outros entrevistados revelam de maneiras diferentes que nunca refletiram sobre a contradição que há em se desejar feliz aniversário a uma pessoa que está morta. Alguns deles mostram que não pensavam nesta contradição dizendo que escreviam simplesmente porque tentavam continuar agindo do modo como

sempre agiram. Milton, aparentemente ignorando que o amigo Pedro estava morto, afirma que escreveu no seu aniversário por ser este um “costume”:

“haha nao tem como responder isso / é sentimento / é como perguntar, pq voce da presente no aniversario da pessoa / pq é um costume / nao sei responder”.

Já Leila, mesmo 4 anos após o falecimento de Rafael, continua escrevendo nos aniversários de seu filho porque é assim que sempre fez e é o que faz com seus dois outros filhos:

“mtas [muitas] vezes eu esperava dar meia noite [para escrever uma mensagem]/ pq era oque eu sempre fazia, meia noite dava os parabens pra ele / ou mandava msgs no celular / e é o que faço com meus dois outros filho[s], sempre a meia noite mando msgs [mensagens]”.

Lucia, ao explicar por que escreveu no aniversário de Miguel, fala como se, nesta data, o filho estivesse apenas impossibilitado de se comunicar de outra forma:

“[Escrevi] por que era niver dele e eu não poderia ligar para falar com ele / aí eu escrevi”.

Ao ser indagada sobre o fato de seu filho na realidade não estar completando mais um ano de vida, Lucia surpreendentemente responde:

“estava sim [completando mais um ano]/ era o aniversário dele sim / eu queria que ele soubesse que eu o amava / queria desejar felicidades / como sempre fiz”.

Ao pedirmos que explicasse as razões para pensar que Miguel estaria completando mais um ano, Lucia nos diz:

“foi assim que senti / era o dia do niver dele e isso não mudou”.

Os motivos que muitos participantes alegam para que escrevessem mensagens como se os falecidos completassem mais um ano de vida revela que o aniversário é uma data que traz à tona uma forte ilusão de que a pessoa está viva. Esta ilusão tem alguns motivos aparentes: um deles é o fato, que já mencionamos, de que o perfil parece ser “um pouco do(a) falecido(a)” e os participantes sentem como se ele estivesse ali. Esta sensação parece se intensificar devido ao mecanismo, do Orkut, de avisar quando o aniversário de um usuário está próximo. Quando são avisados de qualquer aniversário, os entrevistados costumam deixar uma mensagem para a pessoa que faz anos. Sem refletirem a respeito, acabam

procedendo da mesma maneira com os amigos ou parentes falecidos. Agem, portanto, como se eles não tivessem morrido, embora racionalmente saibam disso. Um outro motivo para a ilusão de que a pessoa está viva se intensificar é o fato de, na maioria dos casos, se tratar do primeiro aniversário após a morte. Por ser o primeiro ano que têm a experiência de passar por esta data sem que o amigo/parente esteja vivo, o impacto parece ser maior. Os aniversários seguintes, como veremos adiante, geram reações diferentes. Isso porque o passar do tempo faz com que os entrevistados passem a perceber o perfil de maneira diferente. Vejamos como isso acontece.

### **6.2.2. O passar do tempo traz mudanças**

Conforme o tempo transcorria, os participantes passavam a deixar recados cada vez com menos frequência. Essa mudança fez com que, hoje, o hábito de escrever no perfil dos falecidos seja notavelmente menos frequente do que nos tempos imediatamente após a morte. Hoje, Lucia, um ano e três meses após o falecimento do filho, diz continuar entrando no perfil dele, porém escreve pouco hoje em dia:

“sempre entro / algumas [vezes] escrevo, mas normalmente só entro e vejo”.

Já Carmem, três anos e cinco meses depois do falecimento dos irmãos Graça, diz escrever menos recados para os meninos e explica o porquê:

“antes eu entrava[entrava] para matar um pouco a saudade, hj [hoje] já me acostumei com a falta deles [Por que entra hoje em dia?] entro apenas para ver, só isso”.

O passar do tempo parece fazer com que *escrever* seja menos necessário, bastando, para muitos, simplesmente visitar o perfil, olhar as fotos e ler as mensagens deixadas. Fazer isso – até mesmo com uma frequência menor que a do início – parece ser suficiente para amenizar as saudades sentidas. Paulo, amigo de Pedro, mostra perceber isso com clareza ao dizer:

“As lembranças[lembranças] que eu tenho dele, estão na minha cabeça, e não preciso escrever par[a] lembrar delas, nem pra nada. Sendo assim, escrevendo ou não, ele sempre vai estar comigo”.

O tempo necessário para que os entrevistados sentissem menos necessidade de escrever e de visitar os perfis parece ser proporcional à relação que havia com o morto. Percebi que a maioria dos amigos precisou de menos tempo para que esta mudança acontecesse do que parentes mais próximos dos falecidos. Assim sendo, enquanto alguns dos amigos dizem que em alguns meses passaram a fazer poucas visitas e a deixar recados ocasionais, os parentes mais próximos levaram pelo menos um ano acessando o perfil e deixando *scraps* regularmente. Dos três parentes mais próximos entrevistados que perderam seus familiares há mais de três anos (Leila, mãe de Rafael; Marcelo, pai dos três irmãos Graça; Olga, avó de Julia), dois deles (Marcelo e Olga) revelam que a mudança de hábitos se deu apenas depois de o falecimento completar dois anos.

Apesar destas diferenças relativas ao tempo, muitos dos participantes disseram ter percebido que mudaram seus hábitos de acessar o perfil do(a) falecido(a) e deixar mensagens a partir de quando a morte completou um ano. Diversos deles revelam que isso aconteceu porque foi a partir de então que passaram a estar mais conformados com a perda. Ao falarem sobre isso, uma mesma expressão se repete em discursos de diferentes pessoas: “caiu a ficha”. Luiz, amigo de Kate, usa este termo e aponta o primeiro aniversário de morte como um marco de mudança:

“depois do primeiro ano [a ficha] cai realmente / quando voce começa a entender né”.

Marcelo explicita a diferença que o decorrer do tempo gerou ao contrastar o que sente hoje com o que sentia logo que seus filhos faleceram:

“[Entrar e escrever no Orkut] na verdade é um escape muito momentâneo / uma forma de manter contato e (pra mim) perceber o quanto as pessoas ainda mantêm contato com eles (...) passado tanto tempo... eu quase não vou mais lá / meio que caiu a ficha que era apenas um escape”.

“Cair a ficha” é, portanto, quando a morte passa a ser percebida como um fato real e irreversível. Alguns dos participantes associam esta percepção ao fato de os falecidos não responderem as mensagens que lhes são enviadas nem atualizar mais seus perfis. É o que Marcelo fala:

“com o passar do tempo... vc percebe que eles não ‘entram’ mais nos orkuts.. e aí fica realmente o pensamento... as saudades.. as recordações (...)”

Para Luiz, a falta de resposta por parte de Kate colaborou para que se percebesse a morte de sua amiga como algo real, o que o levou a ir se conformando:

“ah, se[você] vai esquecendo, se [você] vai se contentando que essa msg nao vai ter resposta / que as perguntas de pq [porque] nao voltam, ai se só começa a ter um carinho, e nao mais a dor / se [você] troca a dor pelo carinho”

A mudança de sentimento explicitada por Luiz, e associada ao momento quando “cai a ficha”, parece apontar para uma maior resignação com a perda. Hoje, quase todos os entrevistados revelam-se conformados com o fato de que o ente querido não voltará mais. Beeh explica isso da seguinte maneira:

“antes era no comeso [começo] agora eu já aseite [aceitei] a morte dele (...) sinto saudades e (...) queria k ele tivesse aki[aqui] no comeso [começo] era igual so k [só que] eu chorava agora ja faz tempo k ele morreu e eu sei k ele nao vai voltar”.

Após um ano, os entrevistados se revelam, portanto, mais acostumados com a perda. Embora ela ainda gere tristeza e dor, todos parecem experimentar esses sentimentos de maneira menos intensa do que no começo. A amenização da tristeza parece ser consequência da percepção de que a vida precisa continuar apesar do falecimento. Ao falar sobre este assunto, Olga menciona o sofrimento de toda a família pela perda de sua neta Julia:

“A vida tem que continuar para todos. / São filhos, noras, netinhos / Há mta gente envolvida na dor.”

Luiz descreve como sua vida continuou apesar da morte de sua amiga Kate. Ele associa a mudança na frequência com que visitava o perfil dela e deixava recados durante o primeiro ano após a morte ao fato de ter começado a namorar:

“ah, nos primeiros 2 meses, eu ficava direto no orkut dela / dos 3 aos 6 meses eu comecei a namorar / e ai eu diminui / mas continuava vendo / depois do primeiro ano, quando ela vez[fez] aniversario, eu vi ela bem menos vezes”.

Juliana revela que conseguiu continuar sua vida, apesar da morte da filha, ao atribuir a rarefação de suas mensagens à falta de tempo:

“talvez pq agora estou menos em casa / pq demorei pra voltar trabalhar / então fica[va] em casa, todos os dias / agora talvez pela correria mesmo”.

Ela parou de trabalhar quando a filha adoeceu e, depois do falecimento, levou um ano para retornar, pois, em suas palavras, “não tinha condições pra

voltar”. O fato de hoje ela se sentir apta a voltar a trabalhar, aparentemente revela que “a ficha caiu”, sendo os sentimentos experimentados mais amenos. Ela confirma essa impressão ao dizer:

“no começo acho q era muita dor / dói ainda, mas agora já está amenizando”.

#### **6.2.2.1.**

#### **Os aniversários após o primeiro ano de morte**

A percepção de que a dor sentida abranda após o falecimento completar um ano parece se confirmar nos aniversários a partir de então. Se o primeiro ano que os entrevistados passam sem os entes queridos no dia em que eles fariam aniversário é marcante e gera uma forte ilusão de que os falecidos podem ler as mensagens que deixam, nos anos seguintes eles percebem a data de modo muito diferente. Os participantes passam a lidar com o aniversário com maior naturalidade e, por consequência, esta se torna uma data menos dolorosa. Essa maior naturalidade pode ser notada antes mesmo do dia do aniversário, quando o Orkut começa a sinalizar a proximidade da data. Assim, se, para Carlinhos, foi doloroso ver o aviso do Orkut no primeiro aniversário após o falecimento de sua amiga Bruna, no segundo ano isso foi “normal”. Ele explica:

“porque ano passado jah [já] pssei[passei] por isto”.

Carlinhos explica ainda que a diferença entre o primeiro e o segundo aniversário sem a Bruna foi marcante, já que ela faleceu pouco antes do dia em que faria anos:

“a sim [foi diferente] / ano passado tudo tava mais recente, falei mais coisas, tive mais ideias, sofri mais”.

Hoje, três anos após o falecimento de sua prima, Marcos também percebe a proximidade do aniversário dela de maneira mais amena:

“antes era complicado / agora nem tanto / agora já se passo[u] mto tempo e estou conformado”.

Olga também revela estar mais conformada com o falecimento de sua neta, há mais de 4 anos. Ela explica o que sente a cada aniversário através de uma metáfora interessante:

“A cada ano vamos colocando um novo curativo na ferida”.

O discurso dos entrevistados nos mostra que, nos aniversários após o primeiro ano de falecimento, já há maior conformidade em relação à morte. Muitos continuam escrevendo por pensar que a data é especial, porém ela deixa de despertar emoções intensas como no primeiro ano.

#### **6.2.2.2.**

#### **Os perfis passam a ser “lugares” de lembranças**

Vimos até aqui que, com o passar do tempo, os entrevistados entram e escrevem menos nos perfis dos falecidos. Especialmente após o primeiro aniversário de morte, os participantes dizem-se mais conformados com a realidade e mais acostumados com a perda, que deixa de despertar tanta dor. Por esta razão, os aniversários ao longo dos anos geram sentimentos mais brandos e a dor parece gradualmente se curar. Em seu discurso, Juliana traduz bem a transformação de sentimentos revelada também por outros participantes:

“talvez agora [haja] mais saudades do que sofrimento”.

Mesmo sem sofrer tanto quanto no início, grande parte dos entrevistados revela que acha que nunca vai deixar de acessar o perfil dos falecidos. Muitos dizem que podem até deixar de escrever definitivamente, mas não pretendem deixar de fazer visitas ocasionais ao perfil. Beeh explica a razão que tem para pensar assim:

“(…) ver o orkut dele faz[faz] diminuir a saudade dele (…) posso ate para[r] de escrever mas de entra[r] nao”.

Para Marcelo, visitar eventualmente os perfis dos filhos é uma maneira de rever fotos e mensagens deixadas:

“na verdade já não entro h´[há] meses [nos perfis]/ mas estão lá e a qq [qualquer] momento posso ir lá rever aquelas fotos, aqueles comentários...”.

Paulo diz ocasionalmente voltar ao perfil de seu amigo Pedro apenas para se lembrar dos bons momentos passados com ele:

“Só dou uma passada, pra lembrar dos bons tempos (...) Acho bom quando entro no perfil dele, lembro dos velhos tempos”.

Os entrevistados mostram, portanto, que a diminuição do sofrimento pela perda faz com que eles passem a perceber os perfis dos falecidos de outra maneira. Eles parecem não sentir mais estes perfis como uma “parte” ou uma “herança” deixada pelos falecidos. Os perfis dos mortos deixam, então, de ser uma representação quase concreta deles (o que causa dor e alívio ao mesmo tempo) e se tornam um lugar de boas lembranças (gerando prazer). Visitá-los deixa de causar tristeza e sofrimento, já que vê-los passa a remeter apenas aos momentos agradáveis passados com os falecidos. Por esta razão, a maioria dos entrevistados afirma veementemente que nunca excluirá o(a) morto(a) de seus contatos do Orkut. Se o perfil do(a) falecido(a) se torna um lugar de memória, excluí-lo seria equivalente a deixar de ter essa memória. Paulo mostra pensar desta maneira ao explicar por que não apaga Pedro de seus contatos:

“Digamos que ... assim eu não esqueço dele”.

Para Leila, excluir o perfil do filho seria como tirá-lo definitivamente de sua vida:

“[excluí-lo] seria como deletar ele da minha vida”.

### **6.2.3. Como os participantes vêem seu uso do Orkut ao longo do luto**

O discurso dos entrevistados me fez perceber que, em um momento inicial, o Orkut era um recurso que colaborava para o alívio do sofrimento causado pela morte de uma pessoa querida. Isso porque o perfil do(a) falecido(a) era percebido como “um pouco dele(a)”, o que fazia com que os participantes se sentissem próximos do morto. Ao escrever mensagens nos primeiros tempos do luto, os entrevistados se sentiam falando com o(a) falecido(a) e, ao mesmo tempo, “desabafando”, amenizando a dor que experimentavam. Com o passar do tempo, os entrevistados se mostram mais conformados com a perda, que deixa de gerar tanto sofrimento como no início. Neste momento, o perfil deixa de ser um representante quase concreto do(a) falecido(a) e se torna um lugar de recordações

agradáveis sobre o morto, que pode ser lembrado sem dor. De maneira bastante sintética, essa foi a percepção que tive após analisar as entrevistas que fiz. Notei, no entanto, que havia algumas inconsistências entre a maneira como os entrevistados percebiam o uso que eles próprios faziam do Orkut e o que eles demonstraram em diversos momentos das entrevistas. Abordarei nesta seção essas inconsistências. A primeira delas diz respeito à razão pela qual os participantes escreviam mensagens em perfis de pessoas mortas.

### 6.2.3.1.

#### **Por que, afinal, os participantes escreviam mensagens?**

Diversos participantes explicitaram a ideia de que escrever mensagens gerava a sensação de que se comunicavam com os falecidos. Seria este, então, o principal motivo para que eles deixassem mensagens para os falecidos? Em certos pontos das entrevistas, há participantes que afirmam ter a convicção de que os mortos podem ler suas mensagens. É o caso de Juliana, que diz:

“tenho certeza q sim [que Bruna lê as mensagens]/ pq ela está aqui / entre nós / como tenho certeza q ela está lendo o q estamos conversando”.

Leila também diz ter certeza de que seu filho Rafael pode ler as mensagens que deixa para ele. Já Lucia vai além e diz crer que Miguel as responda através das sensações que ela experimenta:

“me sinto mais feliz / sinto alegria no meu coração / sinto que ele esta bem”.

Se Juliana, Leila e Lucia estão certas de que seus filhos lêem os recados que elas lhes escrevem, há outros participantes que se mostram confusos sobre o assunto. Eles revelam ter dúvidas sobre a possibilidade de os mortos poderem ou não ler os *scraps* deixados no Orkut. Este é o caso de Michele, que dá respostas contraditórias sobre o assunto. Espontaneamente, ela diz que acha que o primo Felipe lê tudo o que ela escreve. Depois, diz que não escreve como se ele estivesse vivo:

“pra mim quando eu mando recado no orkut dele, nao como se eu tivesse mandado recado pra orkut de uma pessoa viva ainda”.

Ela confessa sua confusão e, quando perguntada diretamente sobre Felipe ler ou não suas mensagens, responde:

“nao sei. Eu acredito q ele sempre ta a do meu laado, por pensamento sabe / mas nao acredito q ele leia”.

Milton, em uma mesma frase, mostra que tem ideias confusas sobre Pedro poder ler suas mensagens. Ele diz:

“sinceramente achoque nao / mais espero q oq eu escreva conciga chegar ate ele”.

Seja uma esperança remota, como a de Milton, uma crença confusa, como a de Michele, ou uma certeza, como a de Juliana, Leila e Lucia, a ideia de que os falecidos podem ler as mensagens do Orkut, expressa pela maioria, parece gerar algumas inconsistências em relação a outras falas dos entrevistados. Ora, se a maioria dos participantes diz acreditar que suas mensagens escritas no Orkut chegam aos mortos, haveria pouco sentido em deixar de escrevê-las e permanecer apenas visitando o perfil para ver fotos e ler mensagens. Não me parece, portanto, que a crença que os mortos receberão suas mensagens seja o motivo principal para que os entrevistados dirijam-lhes mensagens.

Marta parece dar pistas sobre as razões que os entrevistados têm para escrever. Ela, que não acredita que seu filho possa ler suas mensagens, explica por que, ainda assim, as escreve:

“como crista[cristã] tenho que pensar que [Artur] nao [lê suas mensagens]/ mas no fundo o coracao de mae / acha que le / entao prefiro me enganar / e achar que ele le / que ele me escuta / e uma forma de amenizar minha dor”.

Em seu discurso, escrever mensagens tem muito mais a função de amenizar a dor do que de fazer suas palavras chegarem ao filho. Olga parece pensar de maneira análoga a Marta. Ela revela que poderia “se comunicar” com sua neta Julia apenas através de orações e que escreve mensagens por outra razão:

“Se eu orasse só para mim (silêncio) não teria ajudado nem sido ajudada”.

Percebi, então, que, embora muitos participantes digam que acreditam ou esperam que suas mensagens cheguem aos falecidos, não é este o principal motivo que os leva a escrever. Escrever parece ser mais um meio de aliviar o sofrimento e de ter a *sensação* de falar com o morto do que uma maneira de tentar fazer mensagens chegarem a ele (como fazem aqueles que buscam o espiritismo, por exemplo). Por isso, os participantes escrevem mensagens durante o tempo em que o sofrimento é maior e necessitam ter alívio. Mas será que os participantes

percebem que o Orkut os ajudou, de alguma maneira, a obter esse alívio? Vejamos o que eles dizem sobre isso.

### 6.2.3.2.

#### Visitar o perfil e escrever recados ajudou a lidar com a perda

A maioria dos participantes considera que escrever mensagens no perfil de seus entes queridos os ajudou a lidar com a perda. Para eles, o Orkut foi um recurso importante especialmente no momento inicial do luto. A importância que os entrevistados atribuem ao Orkut é nítida quando comparam a experiência de perder uma pessoa que tinha um perfil à de perder outras que não tinham. Olga, por exemplo, que tem 70 anos e já havia tido outras perdas importantes ao longo de sua vida, divide suas experiências em dois tipos, que define como “perdas veladas” e “perdas repartidas”. Para ela, nas primeiras, os sentimentos experimentados não são compartilhados, enquanto que, nas segundas, pelo contrário, o sofrimento é verbalizado. Olga vê uma diferença fundamental entre as recuperações dos dois tipos de perda, como ela explica:

“Quando você enfrenta[enfrenta] problemas que não pode verbalizá-los[verbalizá-los] a cura é mais lenta”.

Para Olga, a morte de Julia foi uma experiência de “perda repartida”, pois a entrevistada usou o Orkut como um meio de expressar o que sentia:

“Consegui falar todo o tempo, escrever ... tudo ...”.

Carmem também faz uma comparação interessante. Ela era amiga de Silvia, mãe dos três irmãos que faleceram, morta no mesmo acidente. Silvia não tinha um perfil no Orkut e, para Carmem, não ter a possibilidade de enviar mensagens para a amiga tornou a perda dela mais difícil de ser superada do que a dos três rapazes:

“nossa Mariana vc não tem noção de como isso me deixou triste porque não tinha como v’-la [vê-la] assim como via os meninos (...) eu chorei muito porque não tinha como deixr mensagem”.

Outras pessoas revelam a importância que atribuem ao Orkut ao longo de seu luto ao serem estimuladas a pensar como teriam feito caso o *site* não existisse,

ou caso o(a) falecido(a) não tivesse um perfil. Ao refletirem sobre isso, alguns mostram-se confusos ao vislumbrarem essa possibilidade, e a maioria diz que buscaria modos alternativos de ter a sensação de se comunicarem com os falecidos. Lucia tenta imaginar o que faria se não houvesse o Orkut:

“Não pensei nisso ainda...provavelmente eu procuraria outra forma de lidar com a minha dor / de alivia-la...por que é isso que eu faço quando procuro por ele aqui / alívio a[s] saudades / fico perto dele / eu provavelmente pensaria em uma forma...talvez com fotos”.

Luiz diz que, se Kate não tivesse um perfil no Orkut, ele teria “*um meio a menos de se aproximar dela*”. Apesar disso, ele não acha que seria difícil encontrar modos alternativos de “aproximação”:

“ah, seria estranho / mais acho que isso nao seria tão difícil / moro muito proximo da casa dela / se eu quisesse ver fotos, iria na casa dela / além disso, eu tinha fotos delas / tínhamos fotos juntos / tenho cartas / tenho outras maneiras[maneiras] de ver ela”.

Marta acha que recorreria às cartas, caso não pudesse deixar recados, no Orkut, para seu filho Artur:

“acho que se nao tivesse orkut internet acho que eu iria escrever cartas / ou em algum lugar coisas pra ele (...) acho que da mesma forma seria uma forma de falar com ele”.

O fato de tantas pessoas pensarem que buscariam meios alternativos para terem a sensação de contactar seus amigos ou parentes mortos indica que escrever mensagens no Orkut foi, para elas, realmente importante.

### **6.2.3.3.**

#### **A ajuda obtida no Orkut x a ajuda da fé**

Embora a maioria dos entrevistados considere que escrever no Orkut foi uma fonte de alívio durante o luto, quando eu perguntava sobre o que mais os ajudou a lidar com a morte de seus entes queridos nenhum deles mencionava esta prática. A maior parte dos entrevistados revelou que a fé e a religião foram os principais responsáveis por sua recuperação. Para eles, suas crenças trouxeram alívio principalmente por lhes assegurarem que os falecidos estariam em um lugar melhor. Para Carmem, a certeza de que os irmãos Graça “estão com Deus” foi o

que mais a confortou. Lucia, que diz ter sido ajudada pela religião, se expressa da seguinte maneira:

“Foi a minha fé[que mais ajudou] / acreditar que ele não acabou, que está com Deus”.

Ao ser perguntada sobre o que mais a ajudou a superar a perda de sua neta, Olga nos respondeu:

“Minha fé na vida após a morte”.

Quando comparam o alívio que tinham ao escreverem mensagens no Orkut à ajuda que sentiam ter na religião, esta última se revela mais relevante. Luiz, por exemplo, diz:

“Rezar com certeza era mais forte”.

Marcelo também compara a fé a escrever no Orkut, considerando a primeira mais importante:

“não tem comparação / o orkut era apenas um instrumento / eu nao parei o orkut pra começar a ir à igreja / a Igreja, a fé é indubitavelmente o alicerce da força”.

Assim, o discurso dos participantes mostra que, tanto escrevendo mensagens no Orkut como através da religião, eles obtinham alívio para seu sofrimento. Há, no entanto, uma diferença aparentemente sutil entre a maneira como eles percebem a ajuda que receberam da fé e da religião, e a que obtiveram escrevendo mensagens para os falecidos no Orkut. A diferença está no fato de que a religião era um conforto por assegurar que o morto estaria “em um lugar melhor”, “junto a Deus”. Escrevendo no Orkut, os participantes conseguiam um outro tipo de alívio, que resultava de poderem expressar seus sentimentos. Além disso, também eram confortantes a sensação de que continuavam tendo um contato quase concreto com os falecidos e a possibilidade de revê-los sempre que desejavam.

Embora tanto a religião como as mensagens escritas no Orkut trouxessem alívio, aquele obtido a partir da primeira parece ser mais valorizado pelos participantes. Em alguns casos pontuais, os entrevistados chegaram até mesmo a se referir ao Orkut como um meio pouco importante, quase desprezível. Marcelo, o pai que perdeu 3 filhos de uma só vez, por exemplo, diz que escrever no Orkut

foi importante em um primeiro momento. Já, em outro ponto da entrevista, afirma que fazer isso não o ajudou em nada:

“nao quero que vc fique com a impressão que o orkut me ajudou a ter forças de forma alguma / o orkut era um instrumento de catarsis”.

Milton também argumenta que escrever no Orkut não foi muito importante para ele, ao dizer que fazer isso “*não fez muita diferença*”. Ele completa, então, seu raciocínio:

“O Orkut só facilita o jeito de desabafar e ‘conversar’ com a pessoa”.

Os discursos de Milton e Marcelo parecem ser uma versão “exagerada” do que aparece na fala dos outros participantes de modo indireto (quando estes não mencionam o Orkut como uma fonte de ajuda com seu sofrimento). Estes dois participantes parecem explicitar por que o alívio conseguido pela religião é mais valorizado do que aquele atingido escrevendo-se mensagens no Orkut. Em seus discursos, o “desprezo” não é simplesmente pelo Orkut como um recurso para lidarem com suas perdas, mas, principalmente, pela própria necessidade “desabafar”. Marcelo vê no Orkut um “instrumento de catarsis”, mas não acha isso importante, embora essa “catarsis” fosse frequente e, aparentemente, necessária, especialmente nos primeiros tempos após a perda de seus filhos. Já Milton pensa que escrever “só” facilita a maneira de se expressar, como se fazer isso não fosse importante. Milton e Marcelo parecem revelar que os entrevistados têm uma escala de valores que atribui maior importância à certeza de que o(a) falecido(a) “está com Deus” do que ao alívio do próprio sofrimento que experimentavam. Por esta razão, embora o Orkut seja reconhecido como uma fonte de ajuda, alívio e conforto durante o luto, a religião e a fé aparecem nos discursos como os recursos mais importantes.